



CENTRO BRASILEIRO DE
ANÁLISE E PLANEJAMENTO-CEBRAP



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia



centro de estudos da metrópole

COLÓQUIO INTERNACIONAL

“NOVAS FORMAS DO TRABALHO
E DO DESEMPREGO:

BRASIL, JAPÃO E FRANÇA NUMA
PERSPECTIVA COMPARADA”

11 e 12 de setembro de 2006

São Paulo, SP

**Peso das políticas públicas sobre os desempregados japoneses.
O caso de uma cidade com desemprego de massa**

Tamiko Tsuru

(Socióloga, Universidade Japonesa das Mulheres de Hiroshima, Japão)

Mesa Redonda 4

Desemprego, políticas públicas e ação coletiva

Moderador

André Urani (IETS, Rio de Janeiro)

PESO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS SOBRE OS DESEMPREGADOS JAPONESES.
O CASO DE UMA CIDADE COM DESEMPREGO DE MASSA

Tamiko Tsuru¹

L'exposé propose une réflexion sur le poids des dispositifs de traitement du chômage et du système de protections sociales japonais à la (re)construction de la vie personnelle, sociale et de l'identité des chômeurs, en s'appuyant sur des entretiens approfondis face à face avec eux, réalisés dans la ville de "OM" en sud du Japon. La ville fut d'une grande chaîne des mines de charbon, mais est évidemment en déclin à cause de la fermeture des mines et de la mutation économique de cette dizaine d'années : on y voit étendre les phénomènes du chômage chronique et/ou intermittent, de la mauvaise qualité de travail ainsi que de la pauvreté. Par ailleurs on peut apercevoir quelques résistances contre cette situation : activités d'un syndicat territorial qui tente d'organiser à nouveau des chômeurs, héritant de la tradition des mouvements des mineurs. Il se présente finalement l'analyse des revendications syndicales vis-à-vis des pouvoirs politiques.

Introdução

Analisaremos neste trabalho o posicionamento das políticas públicas voltadas à vida cotidiana dos desempregados e a formação de sua identidade, a partir de pesquisa qualitativa, tendo como alvo os desempregados da cidade de OM, localizada na Província de Fukuoka, na região sul do Japão.

Em primeiro lugar, resumiremos as características relativas às discussões sobre desemprego e políticas de emprego no Japão.

Neste país, em razão da redução de desempregados e aumento considerável dos empregados sem vínculos empregatícios em anos recentes, a discussão tem se concentrado mais no emprego sem vínculos empregatícios do que propriamente no desemprego. Após ter atingido um pico em 2002, o mais elevado após o fim da segunda guerra mundial, a taxa de desemprego diminuiu, com a recuperação econômica; de pouco menos de 6% para cerca de 4%, com redução de um milhão de pessoas em situação de desemprego aberto, que passou de

1. Socióloga, Universidade Japonesa das Mulheres de Hiroshima, Japão.

3,8 milhões para 2,8 milhões de pessoas. Ao mesmo tempo verificou-se um aumento da população ativa, em particular das pessoas empregadas, embora do total de pessoas empregadas um terço não possuísse vínculos empregatícios (em regime de tempo parcial, trabalhadores temporários enviados por agências de emprego e bicos). Essa porcentagem passa a metade no caso das mulheres e dos jovens de 20 a 29 anos de ambos os sexos. A discussão sobre emprego sem vínculos empregatícios é também efetuada em termos de empregos precários, sendo nesse caso o emprego precário desvinculado do desemprego, com pouca discussão associando ambos e nenhuma análise do fenômeno do desemprego. Isso se deve ao fato de no Japão o conceito de desemprego estar inteiramente dependente da definição de desemprego da OIT, que se refere à falta de emprego, às atividades de procura de emprego e às possibilidades imediatas de trabalho, não se abordando a questão da natureza mesmo do desemprego.

Embora no Japão, no final da década de 1990, a questão do desemprego tivesse começado a se tornar uma questão de caráter social, atualmente essa tendência declina. As medidas adotadas para fazer face ao desemprego foram parciais e temporárias, em função de orçamentos cada vez mais reduzidos e mesmo estas medidas escasseiam. Por exemplo, através de governos locais autônomos, a política de criação de empregos com subsídios do Tesouro Nacional, tendo como alvo os desempregados, teve apenas 3 anos de vida. Atualmente, as políticas nacionais de criação de emprego, no caso de contratação de desempregados jovens ou pessoas desempregadas de longa duração, estipulam auxílio salarial apenas durante os três meses de período experimental, podendo-se afirmar que depois desse período não passa de uma política que em última análise faz depender a passagem ao emprego regular dessas categorias da vontade das empresas privadas². As políticas nacionais se voltaram às questões de emprego dos jovens que estão na situação de “NEET” – Not in Education, Employment or Training, procurando as causas dos problemas em sua fraca capacidade empregatícia. A partir daí, elas tenderam a adotar políticas educacionais, no quadro do Hello Work³, como a motivação ao trabalho através de conselheiros utilizados por ONGs, ou orientação individual e trabalhos em grupo visando o incentivo à formação da personalidade dos jovens⁴. Por outro lado, apesar de algumas críticas que surgiram com respeito à flexibilização das normas relativas ao emprego, o governo japonês continua mantendo sua posição radical de evitar qualquer intervenção no mercado de trabalho.

Outra política relacionada ao desemprego, o seguro-desemprego, continuou a apresentar retrocessos, com a diminuição do período de cobertura na medida em que o número de desempregados continuava a aumentar. Houve redução acelerada dos beneficiários e, atualmente, dos 2,8 milhões de desempregados em situação de desemprego aberto, apenas

2. « Emprego Experimental » a partir de 2001

3. “Hello Work” é o nome dado à Agência Pública para o Emprego no Japão.

4. “Job Café” e Escola para a Autonomia dos Jovens do « Plano de Apoio e Desafios para a Autonomia dos Jovens », a partir de 2004, entre outros.

600.000, ou seja, 20% do total, recebem seguro–desemprego. A Tabela1 mostra que o total de dias efetivos de seguro–desemprego tem se reduzido significativamente a partir de meados da década de 90. Tal retrocesso teve como causa as dificuldades financeiras, mas atualmente a soma alocada a tal fim corresponde a fundos substanciais que ultrapassam os 2 trilhões de ienes, havendo um movimento para o direcionamento desses fundos para políticas familiares de incitação a uma maior taxa de natalidade.

À primeira vista, as políticas japonesas em relação ao desemprego parecem ser exaustivas, apesar de pobres em conteúdo e em nível. Contudo, são adotadas com exagero de gastos políticas menores de substancial impacto ideológico através da mídia. Por exemplo, a introdução da discriminação entre demissão (afastamento voluntário do emprego) e dispensa (afastamento do trabalho por conveniência da empresa) que não aparecem bem distintos atualmente e a atribuição do trabalho precário dos jovens a seu grau de motivação pelo trabalho e a transformação dessa situação de trabalho para uma situação de não-ocupação.

Os movimentos e impactos acima serão analisados através dos comentários dos desempregados na cidade de OM.

1. Visão Geral da cidade de OM: « Cidade em declínio dominada por uma única empresa » com população tendo passado a 136.000 habitantes

A expansão da cidade de OM no passado se deveu ao desenvolvimento das enormes minas de carvão da Mt, tendo a cidade se tornado o símbolo do carvão no Japão. Em 1960, em protesto contra as mudanças e a racionalização na política energética, ocorreu um grande conflito trabalhista que se estendeu por 10 meses, um recorde histórico. Com a derrota dos trabalhadores, as minas foram sendo fechadas umas após outras, e os militantes operários das minas se dispersaram. Porém, apesar da redução da mineração, as empresas afiliadas à Mt, incluindo as empresas terceirizadas influenciavam a economia regional, sendo esmagador o poder do capital da Mt sobre a sociedade e a administração locais. Entretanto, esse poder de dominação foi gradualmente enfraquecendo e os alicerces da « cidade dominada por uma única empresa » foram afundando, como simbolizado pelo completo fechamento da Mina Miike (demissão de cerca de 1.600 pessoas, inclusive das empresas afiliadas).

A redução dos trabalhadores no setor secundário foi nítida: do total de 32.000 pessoas no início da década de 60, restaram 11.000 em 2000. O número de empresas no setor industrial sofreu acelerada redução: de 250 empresas com 9.400 assalariados (excluindo aqueles em regime de tempo parcial), entre final da década de 80 e época da explosão da «bolha financeira» em inícios da década de 90, para 189 empresas com um pouco mais de 6.500 assalariados em 2002. Acompanhando o setor industrial, o comércio também entrou em

declínio e nos últimos anos todas as três grandes superfícies tradicionais do comércio local da cidade encerraram suas atividades. Apesar de ter havido algum desenvolvimento pela construção de um novo shopping center de grande porte, isso acarretou o declínio dos pequenos estabelecimentos comerciais individuais, levando à transformação das ruas comerciais centrais em ruas de pouco movimento.

A população municipal atingiu o máximo de 200.000 habitantes em 1960, decrescendo para 163.000 em 1985 e menos de 136.000 em 2004. O índice de envelhecimento da população elevou-se para 26%, sendo considerado o mais elevado entre as cidades com mais de 100.000 habitantes no Japão. Nesse país, o índice de envelhecimento da população é um dos indicadores que designam as regiões mais desfavorecidas do país.

2. Mercado de trabalho na cidade de OM e política em relação ao desemprego

A situação do mercado de trabalho pode ser avaliada pela análise dos dados da Hello Work da referida cidade. Na cidade de OM não existem agências privadas de emprego, e a Hello Work detém posição monopolista na oferta de empregos. A região abrangida pela Hello Work não se restringe a OM, englobando outras 4 cidades e regiões rurais (população acima de 120.000 habitantes), com desempregados de outras cidades também registrados. Contudo, na procura real de emprego, os candidatos das outras cidades se dirigem a outros mercados de trabalho mais favoráveis e pode-se dizer que a maioria dos desempregados que procuram trabalho na Hello Work de OM são cidadãos da própria cidade desejosos de se empregar em empresas locais.

A média mensal de desempregados, isto é, o total dos desempregados no fim do mês precedente e os desempregados registrados no mês em curso na Hello Work, aumentou de pouco mais de 4.000 no início da década de 90, chegando ao patamar de 5.000 em 1997, imediatamente após o fechamento da Mina Miike, e atingindo o número máximo de 6.400 pessoas em 2001. A partir de 2003, voltou ao patamar de 5.000 pessoas, e em 2005 o estoque de desempregados era de 5.124. Porém, o número de desempregados que mensalmente se registra na Hello Work (novas pessoas procurando trabalho) ultrapassa mesmo hoje 1.000 pessoas. O índice de oferta efetiva de trabalho, isto é, o estoque de ofertas de emprego dividido pelo estoque de pessoas à procura de emprego, no final dos anos 90, girava na faixa média de 0,6, mas em 2000 esse índice caiu para 0,42 (Japão : 0,62, Província de Fukuoka : 0,47), e em 2002 apresentou seu recorde mínimo de 0,34 (Japão : 0,56, Província de Fukuoka : 0,43), com tendências à melhora a partir de então, embora tivesse sido de 0,52 mesmo em 2005 (Japão : 0,99, Província de Fukuoka : 0,79). O número daqueles tendo encontrado um emprego continuou abaixo de 30% e, apesar de ter crescido a partir de 2004, ainda era de 36% em 2005.

A Tabela 2 apresenta os dados do Censo Nacional⁵ relativos ao índice de desemprego aberto e composição por faixa etária dos desempregados da cidade de OM. É nítido o elevado índice de desemprego, que em geral situa-se em mais de 2 pontos percentuais acima da média nacional, em particular na faixa de idade inferior a 24 anos (14,4%) e na faixa de idade acima dos 60 anos (9,9%). Porém, em termos de composição dos desempregados, a faixa de idade da metade dos 30 anos até os 50 anos é de 43%, sendo 6 pontos percentuais acima da média nacional. Assim como o problema do desemprego entre os jovens, não se pode negligenciar o problema do desemprego entre pessoas de meia-idade e idosos.

Por outro lado, notamos que as políticas relativas ao desemprego específicas para cidades como OM, antigas produtoras de carvão na região sul do Japão, embora tenham se reduzido, continuam com dificuldades, na forma de «Frentes Provisórias de Trabalho» com trabalhos extras para as pessoas dispensadas do setor carbonífero (atividades provisórias pelo prazo de 5 anos após o término das atividades anteriores, visando ao desenvolvimento da região de produção de carvão), «Frentes Especiais» tendo desempregados de meia-idade e idosos como alvo (atividades de trabalho para o desenvolvimento de regiões específicas), «Frente Especial de Melhoria», específica para OM, com plantio de árvores nas ruas, estabelecimento de parques, dutos de esgoto, etc. que continua a funcionar apesar de estar em diminuição e esteja prevista sua extinção em março de 2007.. (em 2006, quase 30 pessoas se encontravam em todas as atividades), A política de «Subsídio Especial para a Criação Emergencial de Emprego Regional» foi extinta sem que produzisse efeitos em particular e o «Emprego Experimental» não tem se difundido. As empresas contratam anualmente apenas alguns poucos assalariados de meia-idade e idosos que elas tentam evitar, para escapar à pressão posterior para recrutá-los como assalariados regulares, e 50 a 60 jovens a procura de emprego, desejosos de um emprego fixo. Na cidade não se realizam «Job Cafés» nem palestras voltadas a jovens por ONGs. Por outro lado, existe utilização ativa da escola de treinamento profissional localizada na cidade vizinha. Contudo, apenas os beneficiários do seguro-desemprego têm acesso ao treinamento profissional público e embora o índice de recebimento do seguro-desemprego para todo o país seja superior a 20%, mesmo assim representa apenas cerca de 30% das pessoas registradas como estando à procura de emprego.

Além disso, foi estabelecido o «Grupo de Discussão de Questões Empregatícias», sob o patrocínio da municipalidade, embora suas atividades se restrinjam à publicação de revista com informações sobre as empresas locais e premiações de trabalhadores técnicos de alto nível e empresas estabelecidas localmente. Ou seja, não lidam com o desemprego, trabalho particular dos governos locais autônomos, sendo as medidas contra o desemprego deixadas inteiramente a cargo do sistema nacional e da Hello Work, órgão do governo.

5. Em geral, utiliza-se a “Rodoryoku Chosa” (Pesquisa sobre Mão-de-obra”, para as estatísticas de desemprego, mas devido à sua amostra reduzida é impossível obter dados para municipalidades e vilarejos. Portanto, neste trabalho efetuamos os cálculos com base no “Kokusei Chosa” (Censo Nacional).

As perspectivas da Hello Work e da divisão municipal encarregada do emprego são até certo ponto otimistas. Prevê-se a revitalização econômica de OM, que deverá se tornar a base logística de toda a região com a inauguração em breve da linha de trem-bala « Shinkansen », inauguração da rodovia litorânea Ariaki, Projeto de atividade pública de grande porte, ligação direta ao aeroporto de Saga através da rodovia litorânea e desenvolvimento do porto de Miike com saídas regulares de carga para a Coreia. Além disso, há rumores sobre a instalação de um hiper-mercado que, caso se concretize, abriria 3.000 novos postos de trabalho⁶.

3. Conteúdo, Resultados e Análise da Pesquisa Qualitativa

1) Resumo da Pesquisa

A pesquisa se iniciou em dezembro de 2004, sendo depois realizada em março e setembro de 2005 e em fevereiro de 2006, em um total de 4 sessões, com duração de uma semana cada. O alvo da pesquisa foram as pessoas à procura de trabalho, não apenas pessoas sem ocupação, como também aquelas que mesmo empregadas buscam outro trabalho, incluindo as que experimentaram uma situação de desemprego no período recente de 1 ano mesmo que não estejam atualmente à procura de emprego⁷. Voltando ao conteúdo da pesquisa qualitativa por entrevistas, as questões se referiram à situação de trabalho (desemprego) e vida, processo de profissionalização após a obtenção do diploma, conteúdo das atividades de procura de emprego, perspectivas futuras, situação da vida familiar, dificuldades e prazeres da vida cotidiana e expectativas com relação à administração pública⁸. As entrevistas foram realizadas em uma sala privativa no prédio da Kenkoro (Zennihon Kensetsu Kotsu Ippan Rodo Kumiai), na presença apenas da autora e da pessoa desempregada.

Todos os desempregado-alvo desta pesquisa são pessoas, membros da sucursal OM desse sindicato dos transportes, Kenkoro, ou que são simpatizantes do sindicato graças aos contatos durante atividades de consulta que se desenrolaram diante da Hello Work da sucursal

-
6. Conforme informações recebidas em maio de 2006 da Hello Work de OM e das Divisões de Planejamento, Economia e Indústria e Bem-estar e Saúde da Prefeitura de OM.
 7. A razão de não se restringir o alvo da pesquisa apenas aos desempregados em situação de desemprego aberto é que o risco de desemprego atual no Japão não é representado somente pela falta de emprego, mas porque se imaginou que pode ser fragmentado em diversas situações, inclusive ocupações. Segundo a « Koyo Doko Chosa » (Pesquisa sobre Tendências de Emprego), o número de pessoas que se afastaram do trabalho em 2004 foi de 6.850.000 e aquelas que começaram a trabalhar (foram absorvidas) foi de 6.730.000, números extremamente elevados. Por outro lado, segundo a « Rodoryoku Chosa » (Pesquisa sobre Mão-de-obra), o número médio de desempregados em situação de desemprego aberto foi de 3.080.000 pessoas. O desemprego aberto não passa de uma parte do movimento de absorção e expulsão da mão de obra e faz parte de uma situação temporária.
 8. Sobre as questões da pesquisa, e em particular sobre as trajetórias profissionais, eu me referi à pesquisa qualitativa da comparação internacional do desemprego : cf. Kazutoshi Kase & Kurumi Sugita (ed.), *The Unemployed and Unemployment in an International Perspective*, University of Tokyo, Research Series 19.

OM. A base do Kenkoro é o Zennihon Jiyu Rodosha Kumiai (“Zennichi Jiro”), que desenvolve movimentos ativos de desempregados em todo o território japonês, realizado anteriormente pelos “Trabalhadores Livres” de outrora, e principalmente pelos trabalhadores engajados nas atividades públicas de órgãos autônomos na época imediatamente posterior ao término da guerra com base na “Lei de Medidas Urgenciais contra o Desemprego”⁹. Porém as ocupações de desempregados em atividades públicas foram consideradas no período de rápido crescimento econômico japonês como o maior empecilho às políticas de circulação da mão-de-obra, tendo os novos fluxos sido interrompidos e permanecido apenas os idosos, com extinção do sistema em 1996.

Juntamente com a extinção do sistema de medidas contra o desemprego, o Zennichi Jiro, por meio de tentativas de erro e acerto, reiniciou suas atividades como o Zennihon Kensetsu Koun Ippan Rodo Kumiai (“Kenkoro”), um sindicato regional formado por trabalhadores da construção civil inclusive, com emprego precário e por trabalhadores que chamamos de independente e que são na realidade motoristas de táxis e de caminhões e. No Japão, onde praticamente todos os sindicatos são organizados sobre a base da empresa, tal sindicato apresenta uma certa especificidade.

Na filial de OM do Kenkoro, os trabalhadores combativos do setor de mineração se afiliaram ao sindicato após o fechamento da mina que desenvolveu a luta contra o capital da Mt, visando ao reconhecimento de fibrose pulmonar dos antigos trabalhadores das minas de carvão, obtendo grande vitória com ganho de causa nos tribunais. Além disso, a partir do verão de 2004, distribuem panfletos uma vez por semana em frente ao escritório da Hello Work, aconselham sobre aspectos da vida cotidiana dos trabalhadores e, em conjunto com o hospital da Associação Cooperativa, realizam consultas sobre saúde e diagnósticos, bem como se empenham na organização dos desempregados.

2) Os entrevistados

Ao todo foram efetuadas 43 entrevistas com um resultado efetivo de 28 pessoas (destas, 10 mulheres). 10 pessoas puderam participar da pesquisa contínua. Com relação à idade dos entrevistados, havia 1 pessoa na faixa dos 20 anos (1 mulher), 6 pessoas na faixa dos 30 anos (destas 1 mulher), 5 pessoas na faixa dos 40 anos (1 mulher), 11 pessoas na faixa dos 50 anos (destas 2 mulheres), 4 pessoas na faixa dos 60 anos (4 mulheres) e 1 pessoa na faixa dos 70 anos (1 mulher).

9. Os movimentos de desempregados praticados pela Zennichi Jiro fornecem material imprescindível à pesquisa dos problemas de desemprego do pós-guerra japonês, mas para mais detalhes refira-se a « Kensetsu Ippan no 50 nen », editado pela Comissão de Compilação dos 50 Anos de História do Zennichi Jiro Kensetsu Norin Ippan Rodo Kumiai, Shunpo-sha, 1999. Sobre a situação de existência de muitas « classes » de desemprego e pobreza dos empregados precários em empregos não fixos e trabalho em empresas terceirizadas no período de rápido crescimento econômico japonês, refira-se a Eiichi Eguchi, « Gendai no Teishotokuso », 3 volumes, Mirai-sha, 1980.

Ao observar as condições envolvendo o trabalho, do total de 43 entrevistas desde 1 mês antes da pesquisa até a data atual da pesquisa, havia 26 pessoas que continuavam sem ocupação, 15 pessoas que haviam experimentado uma ocupação durante o período de um mês, embora não tivesse sido emprego de longo prazo, e 2 pessoas que parecem ter conseguido emprego de longo prazo.. Porém, mesmo no caso daqueles completamente sem ocupação durante o período de um mês da pesquisa, tomando como base um período superior a um mês, a continuação da situação de falta de ocupação se reduziu significativamente e houve pessoas que conseguiram trabalho de tempo parcial e bicos e outras que experimentaram de novo demissão ou afastamento de trabalho, sendo a situação que envolve o trabalho extremamente volátil (cf. infra).

3) Resultados da Pesquisa

No presente trabalho, separamos o número efetivo de 28 entrevistados por faixas etárias e carreira profissional, demonstrando as particularidades das condições e perfil de cada grupo. Em primeiro lugar, observamos a faixa etária, escolhendo a faixa de menos de 35 anos “desempregados jovens, indicados por Y” e em seguida a faixa de mais de 60 anos “desempregados idosos, indicados por O”, no total de 7 e 5 pessoas respectivamente. As pessoas restantes, com idade entre 36 e 59 anos (denominadas “desempregados de meia-idade”), foram divididas em um sub-grupo representado por pessoas que trabalharam pelo menos 10 anos. Entre os desempregados de meia-idade, não havia nenhum com experiência em funções de escritório, sendo todos trabalhadores manuais. O subgrupo, onde se encontra um desempregado que trabalhava no setor pesqueiro, é composto por “desempregados do setor industrial : F”, com 7 pessoas, “desempregados do setor de mineração (ou correlatos): M”, com 3 pessoas, “desempregados do setor de transportes: T”, com 2 pessoas, “desempregados do setor de construção: C”, com 1 pessoa, “desempregados do setor de vendas: V”, com 1 pessoa, “funcionários públicos (trabalho manual): K”, com 1 pessoa, e “outros: W”, também com 1 pessoa.

Todos os nomes dos entrevistados constantes do presente trabalho são fictícios e a idade apresentada entre parênteses corresponde à idade à data da entrevista.

⇒ Da obtenção do diploma ao desemprego

a. Desempregados de Meia-Idade: Perda de empregos após emprego de longa duração

Com exceção do desempregado no setor industrial F5, as 7 pessoas do (F), inclusive aqueles que tendo se empregado no momento da obtenção do diploma mudaram precocemente de trabalho, possuem experiência de emprego de longa duração do qual se afastaram, tendo posteriormente passado por várias ocupações precárias. Desde a obtenção do diploma (com exceção de 1 pessoa, todos os outros são egressos do segundo grau), 2 pessoas continuaram trabalhando como assalariados estáveis de um estabelecimento (F3 e F7) e, embora em fábricas distintas, ambas aceitaram a aposentadoria voluntária da fábrica de produtos elétricos de uma grande empresa. No caso de F5, passou por várias experiências de afastamento de trabalho, mas as transferências de trabalho no passado eram de emprego estável para outro emprego estável como técnico e a ocupação de um emprego precário foi uma situação de cerca de 1 ano quando sofreu um ferimento no dedo devido a um acidente de trabalho. Os desempregados das minas e outros, mesmo quando o ponto de partida são funções instáveis (carpinteiro, rebocador de paredes, etc.), aceitaram emprego na mina de capital da Mt e em empresas afiliadas, onde puderam obter empregos de longa duração.

A carreira profissional dos 16 desempregados de meia-idade inclui experiências passadas de emprego estável e de longo prazo, podendo-se identificar os eventos do desemprego bem como sua duração, sendo clara a capacidade profissional. Todos já receberam no passado seguro-desemprego e muitos receberam treinamento profissionalizante público, sendo seu desemprego relativamente longo. Contudo, após o recente afastamento do trabalho passaram a ter ocupações precárias e descontínuas e, como ao mesmo tempo estão à procura de outro trabalho, torna-se difícil uma distinção nítida entre emprego e desemprego.

b. "Desempregados Jovens": Trajetórias profissionais em zig-zags com várias mudanças de emprego

Os desempregados jovens são geralmente aqueles que desde a época da formatura estão trabalhando em emprego estável. Porém, com exceção de Y 4 (técnico de empresa afiliada da Mt por 10 anos), em geral se demitem com 1 a 1 ano e meio de trabalho, ou, nos casos mais longos, 2 a 3 anos, mudando depois disso inúmeras vezes de emprego. Mesmo no processo de mudanças de emprego estável para um outro do mesmo tipo, experimentaram trabalhos extraordinários, como bicos. No processo em zig-zag de ocupação e afastamento do emprego, forma-se um firme mosaico de desempregos e empregos de curto prazo. Além disso, grande parte dos principais trabalhos realizados no passado (trabalhos mais longos) ocorreram em diversos tipos de funções no setor industrial, transportes, comércio, restaurantes e outros do setor de serviços, sendo difícil determinar capacitação ou tipo de trabalho. Apenas 1 jovem havia

recebido seguro–desemprego. Isso porque seja eles mudam de emprego sem efetuar os procedimentos para o recebimento do seguro desemprego, seja porque não tem direito a ele por terem realizado trabalhos precários, como bicos.

c. “Desempregados Idosos” : Trajetórias profissionais com sucessão de trabalhos precários

Todos os desempregados idosos são mulheres que começaram a exercer trabalhos “auxiliares” (trabalhos em casas de agricultores, tomar conta dos filhos, cuidado da casa e outros serviços domésticos) desde que se formaram na escola secundária e mesmo depois de casadas, durante o período de criação dos filhos, continuaram a executar “trabalhos” similares (ajudante em restaurantes, serviços gerais de fábrica, limpeza de lojas etc.), praticamente nunca tendo experimentado situação de falta de emprego ou de inatividade. Além disso, com exceção de uma delas, que trabalha em casa do setor pesqueiro, não se observa trabalhos contínuos de longo prazo, mas descontínuos. Os trabalhos de relativamente longo prazo se referem a trabalhos públicos ou trabalhos de diarista na construção civil. Nestes casos, podem receber seguro–desemprego de diarista (na cidade de OM existe uma agência de empregos de diaristas, que oferece trabalhos e cujo anexo recebe diariamente 40 a 50 visitas de pessoas à procura de emprego). Trabalho e desemprego coexistem e embora o mesmo aconteça com os jovens, o tipo de trabalho dos idosos é de serviços gerais à margem do mercado de trabalho, diferente da natureza do trabalho dos jovens.

⇒ Situação e Perspectivas das Atividades de Procura de Emprego

Com exceção de dois entrevistados que obtiveram trabalho de longo prazo, independentemente de terem ou não uma ocupação, exercem atividades de procura de trabalho, mesmo que nem sempre regulares. O local de procura é principalmente a Hello Work. Mesmo sem seguro–desemprego, exercem atividade periódica de procura de emprego na Hello Work: “dou uma passada diariamente”, “não deixo de ir às quartas–feiras quando colocam novos cartões com anúncios de vagas”, “vou sempre que encontro uma brecha no trabalho”. Mesmo as pessoas que se afastaram agora da Hello Work no passado iam freqüentemente até desistirem de procurar um emprego aceitável por saberem das dificuldades indicadas nas ofertas de emprego (cartões). Obviamente, não se pode deixar de lado formas de procura de emprego como revistas de informações sobre oportunidades de trabalho, panfletos no interior de jornais ou redes de contatos, mas essas eram instrumentos complementares à Hello Work.

a. As dificuldades nas atividades de procura de trabalho: idade, empregos de baixa qualidade, preferência por pessoas com experiência

As ofertas de emprego da Hello Work se concentram em empregos regulares, e os entrevistados levantam como dificuldade principal as limitações de idade. Os desempregados de longa duração declaram que “a cada ano as condições se tornam mais severas”. Com exceção de funções médicas como a de profissionais da enfermagem, os assalariados regular esse situam na casa dos 20 anos e no máximo 30 anos para o setor industrial. Além disso, também para as mulheres na faixa dos 50 é difícil encontrar trabalho de tempo parcial como caixa ou serviços de limpeza. “Mesmo recebendo formação profissional, só os jovens com idade até 25 anos são contratados como assalariados regulares. Depois dos 50, em 90% dos casos é impossível. Apesar de mencionado nos documentos da agência pública de emprego que não há restrições de idade, no momento em que fui à empresa para realizar uma entrevista, tive de ouvir o seguinte: “O senhor engoliu essa história? Na realidade, o limite de idade é de até 40 anos. Essa estória de não saberem se há limite de idade é basicamente orientação da agência pública de emprego, mas na realidade nossa empresa não pretende divulgar isso (que não há limite de idade)”.

Quanto à oferta de emprego para os que têm idade de até 35 anos é unânime entre eles que em OM “não há nenhum trabalho que valha a pena”. Quase todos os jovens retornaram à cidade após tê-la deixado depois de deixar a escola, mas “os amigos que voltaram também vivem dizendo que OM é uma merda! Que não tem trabalho!”. Porém, os que são os filhos mais velhos não pensam em deixar OM, alegando “precisar cuidar dos pais (família).

Além disso, ouvi várias vezes que sem uma qualificação profissional não é possível encontrar trabalho que valha a pena, mas eles afirmam também que mesmo com alguma qualificação geral não são contratados, por não terem experiência. No guichê da Hello Work, os jovens são alertados: « a possibilidade de não conseguir a vaga é grande, já que as empresas preferem gente com experiência ». Uma mulher que anteriormente exerceu trabalho braçal no setor industrial, almejando conseguir uma posição em um escritório, aprendeu a lidar com Word e Excel, mas a primeira coisa que lhe perguntaram na entrevista foi sobre sua experiência. De fato, a qualificação obtida com a formação profissional não tem valor no mercado de trabalho. As pessoas que se recolocaram, dizem que foram contratadas, não pela qualificação obtida com muito investimento pessoal, mas pela experiência prévia que possuíam. São poucos os cartões de oferta de trabalho, mas as condições nelas expressas não são apenas limitações etárias, de qualificação ou de experiência. Nos cartões de oferta de trabalho o conteúdo real do emprego não é indicado, dissimulando a realidade ou, em alguns casos, valendo-se de mentiras para embelezá-la. Os cartões de oferta de trabalho que proíbem a menção não apenas da idade como também do sexo, obrigam os desempregados a perder seu tempo (vários homens indicaram a discriminação de sexo ao se apresentar para uma entrevista quando ouviram « só estamos contratando mulheres », e isso não apenas para trabalhos domésticos como *home*

helper, por exemplo, mas recentemente mesmo na indústria quando são mulheres que são procuradas). Além disso, os salários e as condições de trabalho após a contratação são completamente diferentes daquelas mencionadas no cartão de oferta de trabalho, havendo várias pessoas que acabam abandonando estas empresas abusivas.

Hideo Kachida(51anos/ F1) : Por apresentação da Hello Work, fui enviado a Mihara, em Hiroshima, tornando-me soldador num estaleiro naval. Viviam num apartamento quitinete onde moravam três pessoas. O salário de início era de apenas 20.000 ienes etc., totalizando 70.000 ienes. No mês seguinte foram 50.000 ienes. Desse valor ainda tinha gastos com alimentação... e pagamento do aluguel... Sem conseguir enviar nenhum dinheiro para minha mãe, acabei caindo fora. De nada adiantou reclamar com o pessoal da Hello Work; eles acabaram me empurrando para a Secretaria do Trabalho de Hiroshima... e mesmo depois disso, apareceram pessoas na Hello Work para serem encaminhadas a essa agência de pessoal temporário.

Assim o trabalho da Hello Work é centrado sobre a intermediação através dos cartões de oferta de emprego.

b. Atividades de procura de emprego conduzindo a uma espiral de trabalhos em mas condições

O que se abandona no curso da procura de emprego é o “sentido” do trabalho, em seguida o tipo de trabalho com relação ao setor, função ou forma de emprego, e por último acaba-se buscando mais a “renda” do que propriamente o trabalho em si. Logo após o desemprego, os jovens casados e com filhos sempre buscam um emprego regular, mas mesmo assim afirmam que “pelo menos 120 a 130.000 ienes (1.2 vez o salário mínimo) e qualquer função serve”. Entre os desempregados de meia-idade todos já receberam no passado seguro-desemprego, mas o salário desejado é inferior ao de quando trabalhavam ou ao valor do seguro-desemprego recebido atualmente, sendo no máximo de 150.000 ienes (1.5 vez o salário mínimo). “Não posso me dar ao luxo de escolher. A gente tem que fazer qualquer coisa para sobreviver”, dizem algumas pessoas que se contentariam em ter pelo menos o salário-mínimo legal de 100.000 ienes.

Várias pessoas exerceram algum trabalho no mês anterior à entrevista, mas apenas duas tem previsão de trabalho de longa duração. Porém, uma delas trabalha como temporária e o salário é calculado pelas horas em que trabalha de madrugada e cedo pela manhã na recepção de um hospital. Várias pessoas desistiram de procurar emprego regular ou o emprego com boas condições de trabalho, tendo começado a trabalhar como temporárias ou através de meios informais como redes de relações. Esta não é uma saída da situação de desemprego, mas talvez seja o início de uma espiral em direção a trabalhos cada vez mais precários e de baixa remuneração. Abaixo apresentamos a situação de dois desempregados de meia-idade com os quais foi possível realizar entrevistas repetidas vezes.

Sr. Katsuta(51 anos/ F1) : **Entrevista em dezembro de 2004** ...Há um mês e meio, por insistência de um amigo, fiz bico de soldador em um grupo metalúrgico na cidade A, recebendo 8.000 ienes por dia, ou 187.000 ienes por mês, sem nenhuma garantia. Há duas semanas, também por apresentação de um amigo, me tornei “um chefe” na seção de solda de uma fábrica subcontratada da cidade vizinha.

Setembro de 2005 A partir deste mês estou executando corte de chapas de aço para navios. Tem um carro que leva o grupo de operários até a fábrica na cidade N. O trabalho é bem corrido : começa às 8 da manhã e 4 dias por semana tem horas-extras até as 9 da noite. Eles precisam muito de pessoal na fábrica e pagam 20.000 ienes pela apresentação de alguém.

Março de 2006 O trabalho de corte de chapas de aço para navios era muito pesado e acabei desistindo depois de um mês. (Depois de fazer alguns trabalhos temporários através de uma agência de envio de pessoal) estou há três meses trabalhando como diarista em uma empresa subcontratada para obras de barragem. Na realidade, recebi a carteira de diarista da Nakatomo Jigyodan (agência oficial de emprego de diaristas), mas sem falar nada para a Jigyodan fui com meu amigo em virtude de « experiência adquirida ». Como eu pedi à empresa para fazer uma carteira de diarista, nos dias de chuva, quando não há trabalho, comecei a receber seguro-desemprego, mas melhor do que receber 6.200 ienes por dia do seguro é sair para trabalhar e receber 8.000 mais custos de transporte. Por isso, prefiro ir à empresa mesmo nos dias de chuva. O prazo de entrega das obras de barragem é no mês que vem e o supervisor de meu grupo me convidou a continuar, mas meus dedos estão doendo.... quero descansar e ir fazer consulta num hospital. No canteiro de obras há 5 ou 6 vietnamitas trabalhando. Parece que são estagiários e a companhia diz que lhes paga 30.000 ienes e o restante do salário é enviado diretamente para o Vietnã. Eles trabalham das 8 da manhã às 5 da tarde no canteiro de obras e depois de voltar para a fábrica permanecem até as 10 e meia da noite dobrando barras de aço.

Nos trabalhos com pessoal temporário no estilo « Just in Time », a empresa com apenas um telefonema para o desempregado pode enviá-lo para qualquer lugar da província e também para outras províncias, mudando com versatilidade suas funções. Além disso, entre os desempregados (neste caso, desempregados do setor industrial), foi criada uma rede de fornecimento mútuo de trabalhos temporários .

Sr. Toyama(56 anos/ F4) : **Entrevista em dezembro de 2004** Quando estou sem trabalho dou as caras na agência pública de emprego 1 vez a cada 4 ou 5 dias. Um conhecido de uma agência de trabalho temporário às vezes me chama para uns bicos de operador de empilhadeira ou trabalho em canteiro de obras, coisa de uns 15 ou 16 dias por mês. Por exemplo, no mês passado pude trabalhar em consertos periódicos numa estação de geração térmica de energia mesmo sem experiência.

Setembro de 2005 Agora estou fazendo bicos de limpeza de fábrica e desmonte de máquinas. O prazo é variado: tanto podem me pedir para ir por um mês, 2 semanas ou mesmo apenas por algumas horas. Há dois meses trabalhei em conserto por cerca de 10 dias. No mês passado não fui chamado e fiquei sem trabalhar. Este mês me chamaram, mas acabei recusando. Era para um trabalho em tubulação numa fábrica de produtos químicos, mas não disseram com clareza o conteúdo do trabalho e não seria capaz de fazer por ser perigoso. Eu sei como são perigosos os resíduos tóxicos que permanecem no interior das máquinas nas fábricas de produtos químicos... Não tenho nenhuma previdência social e seria uma idiotice se eu acabasse me machucando.... Me disseram para escrever um currículo profissional e quando levei para a entrevista eles tiveram um susto (porque já realizou muitos trabalhos).

Nesta pesquisa não foi possível o acompanhamento de um desempregado jovem pois só pudemos entrevistar um caso onde não foi possível apreender totalmente as mudanças de profissão. Esse jovem desistiu de emprego regular por ter se adoentado e vivia de bico em bico, mas em trabalhos de tempo parcial em firmas particulares de entrega de correio sua renda não alcançava sequer um salário-mínimo.

O valor mensal do salário-mínimo regional estava abaixo do da assistência social com auxílio para moradia. Pode-se dizer que o sistema de salário-mínimo do Japão não tem a função de eliminar os salários baixos, mas mantém um sistema de salários baixos para os trabalhadores precários.

⇒ Fatores ligados à Vida Familiar

Antes de nos referirmos à vida familiar dos desempregados, vamos falar sobre as características do sistema de previdência social japonesa. (Cf. Tabela 4) O desempregado só tem direito entre os benefícios da previdência social ao seguro-desemprego. Também no caso do seguro-desemprego, o desemprego é definido como de curto prazo e, conforme mencionado anteriormente, atualmente a duração do seguro se reduz ainda mais e não admite viver sob desemprego de longa duração. Os desempregados que já exauriram seu direito ao seguro-desemprego, os jovens não qualificados ao seguro-desemprego e os desempregados advindos de empregos precários. Quanto ao seguro médico e de aposentadoria só existe a previdência social, que aplica uma seleção severa de elegibilidade. Além disso, as pessoas desocupadas são excluídas do sistema de seguro-social dos trabalhadores, cujas prestações são elevadas, sendo obrigadas a se transferirem para o sistema dos autônomos. Não se pode negar que existem medidas de redução ou isenção das cotizações de seguro e, assim como no caso de redução e isenção tributária ou de custos de energia ou água, mas neste caso ele não tem direito a essas medidas enquanto desempregado, mas como fazendo parte das categorias de baixa renda ou pobres.

Ao observarmos as garantias de moradia, a política habitacional japonesa é uma política de incentivo à “casa própria”, com as habitações públicas em todo o país correspondendo a apenas 5% do total de residências, e mesmo agora procura-se alocá-las às famílias de idosos e de deficientes físicos. Além disso, não existe um auxílio moradia como complementação ao aluguel na forma de subsídio social, havendo somente uma assistência à moradia no sistema de assistência social às camadas pobres.

O sistema de assistência social define o valor do auxílio conforme o número de pessoas no domicílio, mas como condições prévias existem situação da poupança, a situação de ajuda familiar e patrimônio (carro da família, etc.). Portanto não basta ter baixa renda para obter o auxílio social. As pessoas com capacidade de trabalho, com exceção de famílias apenas com a mãe e filhos, são inelegíveis. Assim, a assistência social não pode ser um apoio ao desempregado.

Dessa forma, sem a institucionalização do desemprego, os que vivem essa situação combinam várias maneiras de sobreviver.

Em primeiro lugar, 6 das 28 pessoas que vieram para as entrevistas recebiam seguro-desemprego, incluindo diaristas. Imaginei que a renda familiar, em particular a do cônjuge representasse um papel importante na vida do desempregado, mas mesmo excetuando-se os desempregados de idade elevada, mais da metade deles é solteira ou sem esposa, por terem se divorciado. Além disso, apenas 4 famílias possuíam renda do trabalho do cônjuge, e dessas 3 eram renda de trabalho de tempo parcial. Mais do que a renda do trabalho do cônjuge, o que muito contribui para a economia doméstica é a aposentadoria dos pais idosos que convivem no mesmo domicílio.

De qualquer forma, mesmo somando-se a renda do trabalho do cônjuge e a pensão dos pais idosos que moram junto, são poucas as famílias cuja vida do lar ultrapassa o padrão de assistência social, sendo o chefe do domicílio obrigado a procurar trabalho. O que é espantoso é que 15 dos 28 entrevistados sofrem de algum tipo de doença (diabetes, hipertensão, úlcera e problemas digestivos, dores nos quadris e síndromes relacionados com o stress), e muitas pessoas para quem vê de fora tal situação parecem não ter condições, dada a sua saúde, de realizar um trabalho normalmente.

Mesmo assim, havia famílias que continuavam a viver sem ocupação e sem renda ou famílias que passavam por freqüentes períodos, embora curtos, sem renda. Observando essa situação vemos que, o suporte era a “poupança” Por outro lado, nas famílias com um só indivíduo, sem apoio da família nem de poupança há um ciclo de empréstimos e reembolsos. Há também famílias que multiplicam dívidas e que se vêem obrigadas a declarar sua própria falência, levando à dissolução da família e à aparição de “sem tetos”.

⇒ Formação da identidade dos desempregados

Observei as condições de vida e situação de experiência profissional, procura de trabalho e emprego de 28 pessoas, mas a situação das pessoas muda constantemente, não havendo posição ou cargos estáveis. A posição em termos profissionais é em determinado momento a de desempregado em situação de desemprego aberto, em outros casos foi forçado a se empregar ou ser incluído entre os inativos. Mesmo no caso de pessoa empregada, sua função se altera espantosamente, podendo tanto ser trabalho assalariado como, em termos nominais, autônomo. Além disso, o processo de precarização e empobrecimento estava sem dúvida em curso. Aqui nos referiremos a alguns comentários dos entrevistados sobre sua experiência de desemprego.

- Foi a primeira humilhação por que passei! Queria que os administradores de empresas soubessem o que sentem e como sofrem as pessoas!!

Em primeiro lugar, as pessoas que foram despedidas inesperadamente falam sobre sua situação com grande indignação. Um exemplo típico é o Sr. Hanamura (Y4), de 31 anos, que foi despedido 1 mês antes da entrevista.

A cada dia que passa, parece que a gente vai enlouquecer. Quando fazem esse tipo de coisa com você, dá uma sensação de perda de tudo. Precisar procurar emprego... Foi a primeira vez em 32 anos de vida que sofri semelhante humilhação. Ser mandado embora. Nunca poderei esquecer. É tão humilhante, que se perde o sono de tanto pensar. Falei também para minha mãe que esse tipo de coisa deixa qualquer um inconformado. Há seis meses comecei a trabalhar como motorista de caminhões limpa-fossa [com sistema de sucção para recolhimento de fezes em banheiros com fossa séptica]. Foi por apresentação do Presidente da Empresa K, meu conhecido de longos anos, e as condições de trabalho não eram ruins... Não havia problemas e trabalhava tão bem que até fui elogiado pelo Presidente que me disse "rapaz, você está fazendo um bom trabalho" e cheguei mesmo a pensar que havia caído nas graças dele. Porém, fui despedido repentinamente. Depois da demissão, quando fui até o escritório, já havia um recém-contratado no meu posto. O sangue me subiu à cabeça. Recebi várias mensagens no meu celular do Presidente da Empresa K, que serviu de intermediário por ocasião de minha admissão à empresa, mas não tive nenhuma vontade de conversar com ele. Como é muito amigo do Presidente (da empresa de caminhões limpa-fossa), com certeza ficaria do lado dele e falaria mal de mim. Entrei por apresentação e estava confiante, nunca me passaria pela cabeça que pudessem fazer essa coisa comigo.

Sua raiva é algo "pessoal" contra a empresa e também por ter sido traído pelo Presidente com quem acreditava ter construído um relacionamento de confiança. A razão de ter procurado o sindicato Kenkoro foi por ter recebido do Inspetor do Trabalho, a quem reclamou sobre a não validade da demissão, um cartão de afastamento do trabalho da empresa no qual se mencionava "por conveniência pessoal do empregado" e também porque, apesar de a Hello Work lhe ter dito que fariam uma investigação sobre a razão da perda do emprego, mas não se mexeram e ele continuava sem uma resposta. Kenkoro é um local visitado por muitos

desempregados que perderam a paciência com o atendimento administrativo demorado e perfunctório, e o Sr. Hanamura também buscava uma solução através da “pressão” do Kenkoro. Porém, como ele mesmo diz, não pretendia uma volta ao local de trabalho, e na reclamação feita ao órgão responsável e na consulta ao Kenkoro não havia maiores exigências além da correção, no cartão de afastamento, da razão da demissão.

A propósito, ele só emprega palavras como “demissão” e “desemprego para se referir aos problemas gerais e expressa-se sobre sua própria condição através de demonstrativos como “este tipo de coisa” ou “essas coisas”. Ao final da entrevista ao perguntar se haveria “algo que você deseje muito dizer”, ressaltou o fato do pessoal da agência pública de emprego não ter agido prontamente (forte ódio aos funcionários), e dizia,, quanto aos empregadores: “não quero nunca mais que os empregadores efetuem demissões...desejo que entendam o sentimento e o sofrimento das pessoas”.

Na realidade, não é a primeira vez que o Sr. Hanamura está desempregado, já havendo passado por essa situação várias vezes. De início, após se formar pela escola industrial, trabalhava em uma fábrica química do grupo Mt no Depto. de Pesquisa e Desenvolvimento e em testes de produtos, mas por se recusar a participar de ocasiões sociais ficou mal visto aos olhos do chefe e era freqüentemente mandado a serviço para outras fábricas no país. Como os custos das viagens não eram pagos e não podia tirar férias remuneradas acabou não suportando a situação e se demitiu (mesmo assim, havia trabalhado por 10 anos). Posteriormente, por intermédio de um antigo colega veterano do colégio de segundo grau, trabalhou em função extraordinária com contrato de 1 ano na área de despachos e distribuição de produtos de uma empresa de aparelhos elétricos, mas o salário era diferente do que havia sido combinado e com menos de 1 ano pediu as contas. Depois disso, fez alguns bicos em lanchonetes e outros locais até se tornar motorista do caminhão limpa-fossas na empresa de onde foi demitido. Apesar de ter ficado desempregado várias vezes e falar mal de chefes que teve, quase não fala sobre as situações passadas. Além disso, no primeiro caso de desemprego, possuía qualificação suficiente para receber seguro-desemprego, mas não efetuou os procedimentos e, logo após a perda do emprego, se empregou em um trabalho temporário. Com relação ao desemprego atual, não mostra muito interesse pelo seguro-desemprego e apenas deseja o quanto antes ser reempregado e receber a soma alocada aos desempregados em caso de recontração). Ele recusa a situação de desemprego e os « benefícios » decorrentes do desemprego.

Além disso, ele deseja ser recontração o mais rapidamente possível por outra empresa e apaziguar sua mãe idosa com a qual vive em um conjunto habitacional público. Porém, não disse nada de concreto sobre o cargo e condições de trabalho que deseja na recontração, não tendo receios de encontrar trabalho pois « ainda sou jovem ». Acompanhando as constantes mudanças de funções, observa-se um nítido declínio de sua capacitação profissional, mas ele também não parece muito preocupado com isso. Afirma que a lição aprendida com a experiência que teve é de não poder confiar em ninguém: « foi por confiar nos outros que estou

nesta situação. Só confio em mim e no dinheiro. Fora isso, só confio mesmo em minha mãe ». Contudo, logo depois afirmou: « Posso confiar no Y (parceiro de mahjong). Me senti um pouco mais leve quando abri meu coração para o Y ». Além disso, sobre esse conhecido « quero que ele me arranje um trabalho ».

Entre os jovens que pulavam de função em função, há aqueles que, como o Sr. Hanamura, sentem forte ódio pela situação atual e aqueles que entendem o desemprego atual como uma circunstância transitória semelhante à do passado, sem choques ou sem alterações emocionais. Embora à primeira vista pareçam existir diferenças entre esses dois tipos de jovens, há entre eles um ponto em comum. O ponto em comum é que o pedido de demissão, que na realidade foi um afastamento do trabalho provocado pela empresa por meio do não pagamento de salários e horas extras não remuneradas, não provocou neles desespero nem perda da auto-estima. Esses desempregados, especialmente os jovens, afirmam que sua situação não é de desemprego. O pedido de demissão voluntária é distinto da situação de ser mandado embora, pois é uma renúncia pessoal à empresa e uma reação à injustiça por parte da empresa.

- Que tristeza, que desolação... por quê não consigo trabalho ? É desesperador

Em algumas pessoas os fortes sentimentos de perda da auto-estima e alienação advindas do desemprego criam a sensação de perda da posição social associada ao trabalho. A persistência por longo prazo do desemprego leva a um gradual apaziguamento psicológico, mas ao perceber que a obtenção de um trabalho é improvável e ao passarem a uma outra posição de inferioridade, tanto seu pensamento como suas vidas tendem a se voltar para si mesmos.

Um exemplo é o caso do Sr. Ihara (51 anos: F2). O Sr. Ihara trabalhava como soldador em uma pequena fábrica terceirizada, mas acabou pedindo « demissão ». Essa demissão foi solicitada por ele à empresa porque « houve uma redução gradual do trabalho que, caso continuasse, provocaria uma diminuição no salário, o que afetaria o montante do seguro-desemprego. A primeira entrevista de trabalho ocorreu 10 meses depois da demissão, enquanto ainda recebia o seguro-desemprego, e quando freqüentava a escola de formação profissional para obter habilitação para sete tipos de máquinas e equipamentos de grande porte. Apesar de ter esperanças nos resultados do treinamento profissional, observando a situação ao redor dos formandos percebeu que uma habilitação em sua idade, na casa dos 50 anos, de nada lhe valeria na busca por emprego. No início da entrevista afirmou veementemente que sua idéia de « se conseguir uma nova habilitação, conseguirei arranjar um trabalho » era muito ingênua. De início ele não usou o termo « desemprego », mas ao responder uma pergunta, afirmou distintamente que sua situação era de desemprego e que se sentia envergonhado de não estar trabalhando.

Sofro com o fato de estar desempregado. Tenho dívidas. É triste. É uma desolação. Quando saio à rua a qualquer dia e vejo obras na rua fico com inveja (das pessoas que estão trabalhando). Por que não consigo arranjar um trabalho? É desesperador.

O Sr. Ihara se divorciou da esposa devido a empréstimos. Isso porque esconderam da esposa os atrasos no salário e tomou vários tipos de empréstimos, que totalizaram 5 milhões de ienes. Através de consulta ao Kenkoro, diante da Hello Work, no que diz respeito aos empréstimos efetuou os procedimentos para declarar falência pessoal e isenção de responsabilidade. Nessa mesma época foi diagnosticado pelo Departamento de Consultas e Diagnóstico de Saúde do Kenkoro que sua diabetes piorou e que precisava ser internado. Porém, incapaz de pagar os custos médicos, continuou suas atividades de procura de emprego enquanto freqüentava regularmente um hospital como paciente externo.

Após 9 meses, foi possível efetuar a entrevista e, de fato, a habilitação obtida no treinamento profissional de nada lhe valeu, tendo conseguido trabalho de soldador, sua função anterior como temporário. Porém, com o agravamento de sua doença, teve uma queda ao se dirigir ao trabalho e acabou obrigado a viver da assistência social. Antes, recusava-se firmemente a receber auxílio, julgando que isso criaria « uma vida de dependência » e que « (sem trabalhar), apenas se divertindo, o ser humano se torna inútil », mas acabou adotando a atitude mental de « as coisas se tornaram mais leves quando desapareceu a necessidade de manter as aparências. Afinal, muita gente ao redor também recebe assistência social ». A vida assistida só garante o nível mínimo de subsistência, mas ele é feliz executando sua cultura hídrica de flores como o jacinto e outras, uma experiência que nunca havia tido anteriormente. Além disso, reatou relações com a ex-esposa e a família do filho, que se preocuparam com sua doença e possui muitos ex-colegas e amigos com temperamento convencional de artesão. Contudo, mesmo assim, por vezes surge o sentimento de ter sido excluído: o arrependimento por ter tomado os empréstimos, o divórcio, o ressentimento pela desestruturação familiar, e a tristeza por não poder trabalhar, sentindo-se uma existência inútil.

Acho que não tenho mais força (física) para trabalhar. Mas quando estou me sentindo melhor, meu temperamento não agüenta viver apenas tratando do corpo (doença). Se tiver algum tipo de trabalho que eu possa fazer...preciso fazer algo. Nada que contribua para a sociedade ou algo que o valha, mas como existem muitas pessoas que como eu passam o dia sem fazer nada, eu gostaria de poder ajudá-las.

Ele afirmou que na medida do possível gostaria de ajudar as pessoas que recebem assistência e participar das atividades do Kenkoro, mas por ocasião dessa entrevista, seis meses depois, ele parou de demonstrar estabilidade e despreocupação com a vida assistida.

Muita gente tem a vida garantida sem trabalhar. Elas estão com seus 50 anos. E o que elas fazem? Passam a vida se divertindo. Com assistência social (com o valor da assistência) é

absolutamente impossível qualquer diversão... Eles (os beneficiários da assistência social) podem pedir empréstimos em um monte de lugares. (o Kenkoro está empenhado na melhoria do sistema de assistência social mas as campanhas são inúteis, porque a situação real dos beneficiários não vale esse esforço).

Ao mesmo tempo em que avalia positivamente o Kenkoro que “nos ensina o que é correto neste mundo”, afirma que se apegar muito a uma idéia e se entregar totalmente às atividades “faz perder a visão do que se passa ao redor”, começando a hesitar com relação às atividades.

- No caso de trabalho temporário através de agências de recrutamento só se define quanto se recebe por dia, não havendo gratificações nem férias remuneradas. ... E olhe que no Japão era comum dizer que as pessoas que construíram o país mereciam tirar férias!

A maioria dos desempregados de meia-idade possui histórico de longos períodos de desemprego com repetição de trabalhos precários e descontínuos, mas ao serem perguntados, dizem que sua situação é de «desemprego». Eles falam também sobre a experiência das pessoas empregadas por longo tempo com estabilidade em grandes empresas e da experiência de terem sido protegidas no passado pelos sindicatos Operários.

Abaixo apresentamos o exemplo do Sr. Tomiyama que por mais de 30 anos trabalhou como operário em linha de montagem e controle de qualidade na linha de fabricação de uma empresa de aparelhos elétricos com um total de 7 funcionários. Por ocasião da primeira entrevista o Sr. Tomiyama já estava desempregado há 3 anos e meio, tendo sido possível efetuar o acompanhamento da situação 2 vezes, 3 meses e 14 meses depois. Na primeira entrevista não usava a palavra desemprego, explicando num tom de voz calmo que «está em atividade de procura de trabalho» e «enquanto isso está fazendo bicos». Durante o período de cerca de 1 ano em que recebeu seguro-desemprego frequentou uma escola de formação profissional e obteve certificado de soldador e *home helper* para idosos, mas nenhum dos dois lhe foi útil na procura de emprego e estava sendo enviado como temporário por agências de emprego de forma descontínua. O trabalho temporário consistia em operário de construção civil, reparações periódicas em usina de geração de energia térmica, limpeza de fornos de incineração de lixo e outros serviços gerais simples, recebendo salário por dia. A seguir, reclamou muito sobre as duras condições de trabalho dos temporários enviados por agências de emprego, a falta de férias remuneradas e o recebimento apenas de salário horário sem direito a nenhum benefício da previdência social. As agências de mão-de-obra temporária são «muito pior do que os gangsters Yakuza do passado. É uma exploração intermediária... Apenas movimentam as pessoas da esquerda para a direita e ganham dinheiro sem fazer nada». A propósito, este foi o único entrevistado que durante as entrevistas empregou a palavra «exploração».

Ao ser perguntado se sua situação é de « desemprego », ele responde afirmativamente e com bastante clareza: “Querer trabalhar e não encontrar trabalho é desemprego.” Se não se trabalha apesar de haver trabalho, isso não é desemprego ». Explicando dessa forma, ele não considera bico como « trabalho ».

Todas as ofertas de emprego que vejo são para trabalho com período de experiência de 4 meses. São todas as ofertas que as empresas só colocam nas épocas em que estão desesperadas por mão-de-obra. A agência oficial de empregos admite esse tipo de oferta. Por que eles não analisam o conteúdo delas? A minha dúvida é: por que o governo admite apenas a vontade do empregador? As secretarias de trabalho deveriam agir em prol dos trabalhadores, mas acabam se tornando uma extensão das empresas e admitem essa forma de emprego. O número de pessoas que trabalha aumenta, mas o conteúdo do emprego dos trabalhadores temporários assim como nós, que somos enviados por agências, é dos piores possíveis.

Na entrevista seguinte, suas críticas contra a administração pública de emprego e trabalho se intensificaram. Criticou os chamados « Freeters », jovens que se submetem ao estilo americano de salários baixos e ausência de proteção social; a situação dos « Neets » (jovens sem ocupação, que não estão nem empregados, nem em situação de formação escolar ou profissional) ; o estilo japonês ultrapassado de exigir fiador por ocasião de contratação ; os japoneses que são « sérios demais » e que trabalham sem reclamar ; assim como criticou ferinamente a administração pública do trabalho e as agências públicas de emprego que não se importam com essa situação ou a admitem. Com relação às campanhas, criticou dizendo: « se fosse esquerdista, gostaria que discutissem mais o problema do desemprego no parlamento. Esse tipo de assunto (desemprego) certamente contará com o apoio de todos. Mas eles só discutem sobre o país ser pacifista e coisas do gênero ».

Porém, quando o assunto se direcionou sobre a volta ao emprego, começou a titubear.

Desse jeito, não há futuro. O futuro certamente chegará para todos nós, mas quando penso em que futuro será esse... Porque o mundo mudou e eu nunca imaginei (que mudaria desse jeito). (Que tipo de trabalho está procurando?). Essa é a razão de minha inquietação. Porque a única experiência que tenho foram os mais de 30 anos trabalhando numa fábrica de aparelhos elétricos... Mesmo procurando, não acho nenhum lugar onde possa usar essa experiência de trabalho.

Na terceira entrevista ele afirmou que as pessoas habituadas a procurar trabalho pela Hello Work “diminuíram bastante e só tem novos rostos”, sentindo a recuperação econômica a partir do estado da Hello Work. Completou dizendo que “as pessoas que têm capacidade não ficam desempregadas. Só fica desempregado quem não tem capacidade, pois só as pessoas sem capacidade é que sobram”. Também falou serenamente que devido à sua idade, capacidade e força física, nunca seriam capazes de encontrar um trabalho. No ano passado, durante meio ano,

a pedido de um conhecido, circularam de carro duas a três vezes por mês por várias províncias vendendo peixinhos ornamentais e brinquedos em barraquinhas de bazares e festividades. O trabalho era prazeroso e sem preocupações, mas com a propagação de barracas de venda de produtos a baixo preço havia um limite em suas vendas, e como precisava desembolsar ele próprio os custos de combustível e aluguel do ponto, restava-lhe apenas uma receita mínima. Acabou pedindo ao conhecido para procurar outra pessoa para substituí-lo no serviço. Depois desse trabalho, através de uma oferta de trabalho da Hello Work, conseguiu trabalho em empacotamento e distribuição de balas próprias para a época de ano novo em uma loja de um particular, com contrato de um mês, recebendo praticamente um salário mínimo, mas em questão de três dias pegou tendinite e acabou se demitindo para não causar incômodo aos outros funcionários. Nos últimos dois meses está sem ocupação e esteve procurando trabalho pelos cartões de oferta da Hello Work.

A esposa do Sr. Ihara não trabalha fora, ela diz “que mulher tem que cuidar do lar”, e ele parece praticar assiduamente atividades religiosas. A quantia considerável que obteve com a aposentadoria voluntária vai sendo utilizada aos poucos no orçamento doméstico, sendo complementada por receitas de bicos esporádicos, mas como tem a pensão da mãe que vive com ele (o pai trabalhava em uma mina de carvão), afirma que “está dando para viver sem problemas”. O dinheiro da indenização de demissão (parte dele) foi usado em despesas altas do filho, que frequentou uma escola especializada na formação de chefes de culinária. Depois disso, afirmou que a vida “recentemente está ficando difícil...”, e mesmo os custos de tratamento da tendinite são caros e por isso parece que não estava tendo um tratamento satisfatório. “Mas para tudo na vida se dá um jeito. Quando for preciso mesmo, alguma coisa acontece. Se todo mundo trabalhar, dá para ir vivendo. Quando chegar a hora em que for preciso”. Enfim, ele conta com a possibilidade que tem sua esposa de trabalhar.

CONCLUSÃO

Apresentei neste trabalho as condições de vida e de procura de trabalho, e a interpretação do desemprego a partir de pesquisa com desempregados da cidade de OM. O papel representado pelas políticas públicas na obtenção de emprego (recontratação) e na reconstrução da vida pelo próprio desempregado é baixa. A pesquisa mostrou que existe um viés em termos de função anterior (falta de funções de gerenciamento, especializadas, operacionais), viés em termos de faixas etárias (principalmente apenas 1 jovem na faixa dos 20 anos e pouca utilização de mulheres desempregadas de meia-idade) entre outros, não se podendo afirmar que seja representativo dos desempregados no Japão. A autora também realizou entrevistas com desempregados na cidade de Hiroshima, de 1 milhão de habitantes, apreendendo que possuem condições de vida e mentalidade distintas dos desempregados em OM, mas, com relação às medidas públicas, os desempregados da cidade de Hiroshima, que não contam com qualquer tipo de apoio de sindicatos de trabalhadores e outros organismos sociais de intermediação, não tinham conhecimento dessas informações, tinham muitas reclamações contra a Hello Work, mas praticamente não tinham exigências concretas¹⁰.

No Japão apenas o trabalho pode superar o problema do desemprego, ou seja, pode fazer face ao desemprego¹¹, estando os movimentos dos desempregados com relação ao trabalho dominados pela espontaneidade. É rara a utilização de redes relacionais ou de luta coletiva luta com a colaboração do cônjuge ou de outros membros da família (não se deseja causar preocupações e depender de conhecidos é como se criasse uma “dívida”). O desempregado procura trabalho dependendo de sua própria capacidade e motivação. As atividades de procura de trabalho durante o recebimento de seguro-desemprego são verificadas pela Hello Work, mas na ausência deste, nunca há obrigação vinda de fora, não havendo praticamente direitos e benefícios concedidos à posição de desempregado, apenas as atividades voluntárias do próprio desempregado. Com certeza atualmente aumentam as críticas em termos de ideologia aos jovens sem ocupação por parte das pessoas que perderam a vontade de procurar um emprego, mas mesmo no caso delas é por vontade própria. Esse movimento, seja no que diz respeito a políticas de emprego ou assistência social, é apoiado por políticas públicas que têm como pressuposto a responsabilidade própria do indivíduo, mas, mesmo assim não existem obrigações ou orientações fortes. As políticas públicas desde cedo se desligaram do apoio aos desempregados, deixando os desempregados a cargo da “mão invisível” do mercado de trabalho. Estes esperam a recuperação econômica, promovem o aperfeiçoamento de sua capacidade profissional e investigam o mercado de trabalho. Dependendo da situação

10. cf. Tamiko Tsuru “Shitsugyosha, Kazoku no seikatsu: Hello Work Hiroshima Higashi no Kyushokusha Chosa wo zaiyo ni shite” (Vida dos Desempregados e suas Famílias – Pesquisa sobre Pessoas Procurando Trabalho da Hello Work Hiroshima Higashi), Hiroshima Joshi Daigaku Seikatsuka Gakubu Kiyo 6go, 2000.

11. Kurumi Sugita, Interpretation of the employment experience in Japan, Kazutoshi Kase & Kurumi Sugita (ed.), *op.cit.*, pp.94-104, pp.128-129.

econômica, ao saberem que não há mudanças positivas nos trabalhos relacionados a si próprios, acabam perdendo a vontade de procurar emprego.

Os desempregados da cidade de OM possuem também uma faixa de percepção do trabalho que vai do arraigado “mito do trabalho” as “críticas ao trabalho e emprego”, mas a vitória do desemprego para eles está na redescoberta do trabalho. Entre as mulheres e os idosos são poucos os que imaginam sair completamente do mercado ou que procuram outros caminhos, como o da assistência social. Com certeza alguns dos desempregados de meia-idade começavam a receber pensão por velhice, mas mesmo esses não esperavam viver apenas do subsídio social e, assim como os desempregados idosos, têm alta possibilidade de continuar a procurar trabalho. Por trás destas circunstâncias, não se pode esquecer que existe a instabilidade e empobrecimento da vida dos cidadãos de OM que não se restringem às famílias dos desempregados. Neste trabalho não foi abordado, mas o empobrecimento dos cidadãos avança como o grande número de famílias isenta de tributação do imposto residencial e queda na arrecadação (conforme os registros de tributação do imposto residencial, as receitas anuais inferiores ao padrão de assistência social representam 70% das famílias que pagam imposto, atingindo o alto percentual de 85% do total das famílias) e, além do forte estigma, o índice de recebimento de assistência social (auxílio social) é 3 vezes maior do que a média nacional e há constantes consultas ao escritório de advocacia que mantém vínculo de cooperação com o Kenkoro buscando a solução para o endividamento crescente criado por financiamentos ao consumidor. A situação econômica não é a única a dominar os seres humanos, mas pode-se depreender que os desempregados da cidade de OM consideram este um dos maiores fatores que influenciam a vida do desempregado, as atividades de procura de emprego e a interpretação do desemprego. Esse empobrecimento dos cidadãos não se restringe apenas à cidade de OM, mas pode-se considerar como tendência geral de cidades do interior que têm sido esquecidas à sombra das regiões metropolitanas da capital e de grandes cidades que transmitem a recuperação e revitalização econômicas. No Japão, a força motriz do rápido crescimento econômico foram as fábricas de equipamentos pesados, e posteriormente muitas foram as velhas cidades de uma única empresa que enveredaram pelo caminho do declínio.

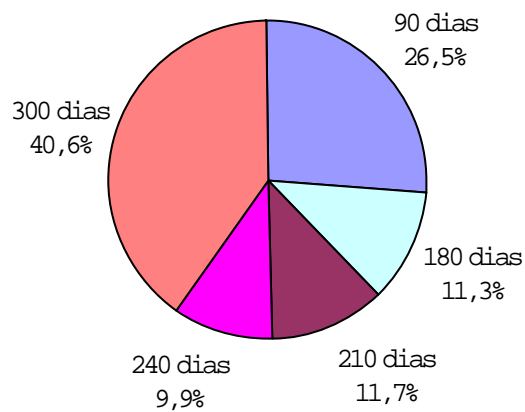
Os desempregados de OM entrevistados na pesquisa se organizam pelo Kenkoro, havendo pessoas que visitam o Sindicato frequentemente para consultas, e nesse sentido podemos dizer que isso tem evitado um isolamento social. No prédio do Kenkoro, os empregados continuamente se reúnem para tomar chá ou fazerem refeições juntos, criando uma rede humana de camaradagem. Os desempregados visitam pela primeira vez o Kenkoro quando se deparam com dificuldades trabalhistas que não conseguem superar e condições de pobreza das quais não podem escapar, antes de qualquer coisa buscando apresentação a trabalhos públicos limitados, reduções ou isenções de taxas (impostos, subsídios de seguro social, aluguel de residências administradas pelo setor público, etc.) e solução para seus empréstimos.

Nas pesquisas repetidas junto à mesma população, verifiquei que 3 pessoas tiveram a assistência social reconhecida por agravamento de doença, e no caso de todas elas os diretores da Kenkoro as acompanharam no momento da solicitação.

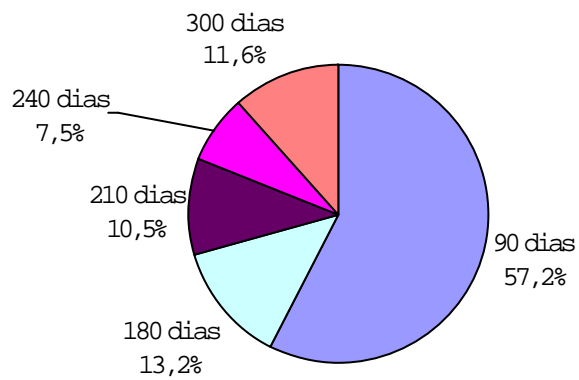
O Kenkoro procura fazer desenvolver o movimento dos desempregados, mas o que os desempregados envolvidos desejam é a resolução dos problemas individuais imediatos. Da mesma forma, o Kenkoro também apóia individualmente e “ajuda mostrando a cada um dos desempregados a direção para administrar por algum tempo suas vidas”. Com relação aos movimentos sociais, no momento estão conscientes de que “(os desempregados) não podem participar deles por muitos dias. (Porém), podem entender o nosso movimento e participar dele por curto período”. Aqueles relacionados ao desemprego do Kenkoro têm como palavra de ordem “Dêem-nos trabalhos decentes”, tendo como principais pontos de exigências relacionadas a trabalho a denúncia de empresas desonestas, melhoria das ofertas de emprego reunidas no seio da Hello Work, e aumento do salário-hora mínimo estabelecido por lei.

Tabela/Gáfico 1: Evolução do número de dias de salário-desemprego geral (seguro-emprego) de beneficiários recebendo pela primeira vez

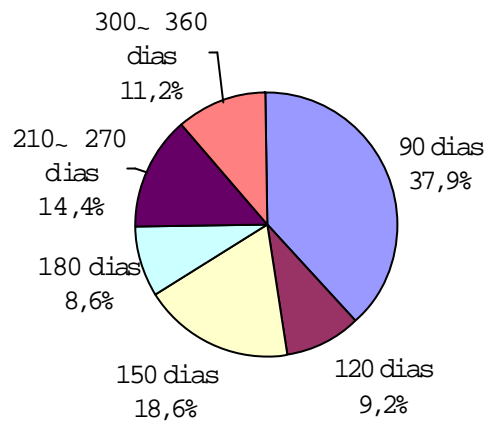
Homens – 1996



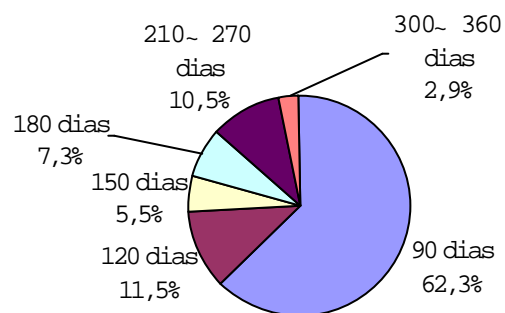
Muheres 1996



Homens 2003



Mulheres 2003



Elaborado a partir de "Koyo Hoken Jigyo Nenpo"
(Relatório Anual de Atividades de Seguro-Emprego)

Tabela/Gáfico 2: Número de Desempregados, Índice de Desemprego etc. na Cidade de Ohmuta (2000)

		Total*	15 a 24 anos	25 a 34	35 a 49	50 a 59	60 a 69	acima de 70 anos
Homens e Mulheres	Composição Percentual da População Ativa *	100,0	10,8	22,1	30,4	22,6	10,4	3,7
	Composição Percentual dos Desempregados Plenos	100,0	21,1	25,8	20,3	16,2	14,5	2,1
	Índice de Desemprego Pleno	4,7	9,2	5,5	3,1	3,4	6,6	2,6
Homens e Mulheres	População Ativa *	60 972	6 499	11 429	19 830	15 144	6 010	2 060
	Composição Percentual Desempregados Plenos	100,0	10,6	18,7	32,5	24,8	9,9	3,4
	Composição Percentual	4 344	937	872	994	854	597	90
	Índice de Desemprego Pleno	100,0	21,6	20,1	22,9	19,7	13,7	2,1
Homens	População Ativa *	34 304	3 143	6 261	11 139	8 831	3 665	1 265
	Composição Percentual Desempregados Plenos	100,0	9,1	18,2	32,5	25,7	10,7	3,7
	Composição Percentual	2 852	532	498	640	597	515	70
	Índice de Desemprego Pleno	100,0	18,7	17,5	22,4	20,9	18,1	2,5
Mulheres	População Ativa *	26 668	3 356	5 168	8 691	6 313	2 345	795
	Composição Percentual Desempregados Plenos	100,0	12,6	19,4	32,6	23,7	8,8	3,0
	Composição Percentual	1 492	405	374	354	257	82	20
	Índice de Desemprego Pleno	100,0	27,1	25,1	23,7	17,2	5,5	1,3
		5,6	12,1	7,2	4,1	4,1	3,5	2,5

* Inclui condições de trabalho "Não Identificadas"

(Resultado do Censo Demográfico)

Tabela 3: Situação envolvendo o trabalho de "Desempregados" no momento da pesquisa

2004, 12	2005, 03	2005, 09	2006, 02
F1(51)		?	?
F2(53)	? Em treinamento profissional	?	?
F3 (52)	?		?
F4(56)	?	?	
F5(46)		?	
M1(57)		?	
O1(60 Mulher)		?	
W1(57 Mulher)		?	
O2(62 Mulher)			
O3(63 Mulher)			
Y1 (33)			
	Y2(34)		?
	M2(54)		
	T1(58)	?	
	C1(45)		
	O4(64 Mulher)		
		K1(58 Mulher)	
		F6(41)	
		F7(41 Mulher)	
		Y3(20 Mulher)	
		Y4(31)	
		T2 (59)	
			O5(72 Mulher)
			Y5(32)
			Y6(32)
			V1(44)
			Y7 (31 Mulher)
			M3(54)

Tabela 4: Situação da Vida Familiar

		Idade	Próprio	Cônjuge		Membros da família residindo no mesmo domicílio	Tipo de domicílio
			Saúde	Sim/Não	Situação de Trabalho		
Desempregado do setor produtivo	F1	51	Abscesso interno purulento, dor nos quadris	Não (divorciado)	?	Mãe (idade na primeira metade dos 80 anos)	Apto. administrado pela Província
	F2	53	Diabetes, pressão alta	Não (divorciado)	?	Não, família celular	Apto. administrado por particular
	F3	52	Ataxia autônoma	Sim	Sem emprego	Mãe (idade na segunda metade dos 70 anos)	Casa própria
	F4	56		Não (solteiro)	?	Mãe (idade na segunda metade dos 80 anos), irmã mais velha (na casa dos 60 anos)	Casa própria
	F5	46	Dois dedos da mão esquerda decepados Um dedo da mão direita transplantado	Sim	Operário extra	Primogênito (sem emprego)	Casa própria
	F6	41		Não (solteiro)	?	Pais (idade na segunda metade dos 60 anos)	Casa própria
	F7 (Mulher)	41		Não (divorciado)	?	Não, família celular	Apto. privado
Desempregado do setor de mineração	M1	57	Fibrose pulmonar (Reconhecida)	Sim	Meio-expediente em limpeza	Primogênito (sem emprego)	Habitação administrada pela municipalidade
	M2	54	Diálise renal (Reconhecido como deficiente físico)	Sim	Sem emprego	Primogênito, e segundo e terceiro filhos com esposas	Casa própria
	M3 (OBS 1)	54	Doença cervical grave (Reconhecida)	Sim	Sem emprego (deficiente físico classe 2)	Não	Casa própria
Construção	C1	45	Diabetes	Não (solteiro)	?	Não, família celular	Reside com amigo
Transporte	T1 (OBS 2)	58	Pressão alta	Sim	Desempregado	Não	Apto. privado
	T2	59		Sim	Sem emprego	Não	Casa própria
Vendas	V1	44		Não (solteiro)	?	Pais e família do irmão mais velho - 5 pessoas	Casa própria (de propriedade do pai)
Funcionário Público (trabalhador manual)	K1 (Mulher) (OBS 2)	58	Dor nos quadris, osteoporose	Sim	Desempregado	Não	Apto. privado
Outros	W1 (Mulher)	57	Gastrite, hepatite C	Não (viúvo)	?	Filho (obras de eletricidade)	Apto. privado
			Pressão alta				
Jovens	Y1	33		Sim	Enfermeiro (emprego regular)	Filha (Creche)	Apto. de luxo privado
	Y2 (OBS 1)	34	Doença cervical	Não (solteiro)	?	Não, família celular	Apto. privado
	Y3 (Mulher)	20		Não (solteiro)	?	Pais (idade na casa dos 40 anos) e irmão mais novo	Casa própria (de propriedade do pai)
	Y4	31		Não (solteiro)	?	Mãe (idade na primeira metade dos 70 anos)	Apto. administrado pela municipalidade
	Y5	32		Não (solteiro)	?	Pais (idade na primeira metade dos 60 anos)	Casa própria (de propriedade do pai)
	Y6	32		Sim	Meio-expediente	Filha (Creche)	Apto. privado
	Y7 (Mulher)	31		Não (solteiro)	?	Pais (idade na casa dos 50 anos)	Casa própria (de propriedade do pai)
Idosos	O1 (Mulher)	60	Diabetes, pressão alta	Sim	Setor pesqueiro, a procura de trabalho	Não	Apto. privado
	O2 (Mulher)	62	Dor nos quadris	Sim	Pensão do Governo "Faz-tudo" (pintura)	Não	Casa própria
	O3 (Mulher)	63		Sim	Pensão da Previdência Social	Primogênito (sem emprego)	Apto. administrado pela Província
	O4 (Mulher)	64		Sim	Sem pensão, Meio-expediente segurança	Família do filho - 4 pessoas	Casa própria (com empréstimo do filho)
	O5 (Mulher)	72		Não (viúvo)	?	Não, família celular	Casa própria

OBS.1: M3 e Y2 são pais e filhos, mas moram separados.

OBS.2 : T1 e W1 são donas-de-casa